

# Uma representação humorística do feminino

Sirio Possenti<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)/  
CNPq  
Caixa Postal 6445 – 13.081-970 – Campinas – SP – Brasil / CNPq  
possenti@icorreionet.com.br

*ABSTRACT: This work revisits some traditional concernings of Discourse Analysis with special emphasis on the relationship between a discourse and its historical production conditions. The goal of this paper is to raise some questions about the relationships between humor discourses that approach in their particular ways aspects or scenes of woman's life in relation to "actual" social and historical conditions. In this way, one can say that the ultimate goal of this work is to shed a light on some features of humor discourse.*

*KEY WORDS: female representations, humor, discourse analysis*

*RESUMO: Este trabalho retoma questões clássicas da Análise do Discurso, em especial a da relação entre um certo discurso e suas condições históricas de produção. O objetivo é formular questões sobre a relação entre discursos humorísticos que representam à sua maneira aspectos ou cenas da vida feminina e as condições sociais e históricas "reais". Assim, espera-se, também podem ser explicitadas mais claramente certas características dos discursos humorísticos.*

*PALAVRAS-CHAVE: representações do feminino, humor, análise do discurso*

## 0. Introdução

Este trabalho tem o objetivo de ser uma primeira introdução ao estudo de um tema através de uma obra. O tema é a representação da mulher no discurso humorístico, e a obra é *Mulheres alteradas*, de Maitena, uma humorista argentina. Assim, posso continuar pesquisando no campo do humor, ao mesmo tempo que este trabalho me possibilita alianças com colegas que pesquisam discursos do ou sobre o feminino, especialmente na mídia. Essa adesão ao tema é também uma consequência de ter-me dado conta de que, pelo menos indiretamente, já dediquei um bom tempo, através do trabalho de orientandos, a pesquisas que organizavam seus *corpora* com base em publicações da mídia, melhor dizendo, na mídia segmentada, como revistas femininas, revistas para adolescentes, revistas para homossexuais, publicidade, mas também polêmicas diversas, como as havidas entre criacionistas e evolucionistas e entre modernistas e "conservadores" durante a famosa Semana de 1922.

Parte deste trabalho será necessariamente dedicada a descrever alguns exemplos, que servirão tanto para ilustrar os temas quanto as técnicas do humor na obra de Maitena, até porque não sei quanto seu trabalho é conhecido.

## 1. A obra, o tema

Maitena publica seus trabalhos em jornais e revistas em vários países, inclusive no Brasil. No jornal *Folha de S. Paulo*, tem publicado a cada domingo um trabalho (um desenho e uma legenda) de uma série a que chama “Superadas”. Como costuma ocorrer com obras similares, periodicamente os trabalhos são reunidos em livros. *Mulheres alteradas*, por exemplo, já tem quatro volumes publicados no Brasil, todos pela editora Rocco. Alguém poderia perguntar por que estudar uma obra estrangeira. Duas boas respostas parecem ser: a) que não há nenhum similar nacional (cujo tema seja sempre uma questão “feminina” e cuja autora seja mulher); b) que, se é traduzida e publicada no Brasil (e em vários outros países), a obra deve ser relevante, ou, pelo menos, deve funcionar, fazer eco na sociedade brasileira, ou, pelo menos, em segmentos dela. Em suma, que se trate de obra estrangeira talvez seja uma questão irrelevante. Além disso, não creio que o humor dependa tanto de peculiaridades culturais.

Nos livros em questão, os trabalhos de Maitena obedecem sempre à mesma estrutura: cada página trata de um “tema”, sendo composta de seis (poucas vezes de oito) desenhos acompanhados de legendas e/ou falas. Todos os temas são facilmente relacionáveis a situações típicas, até estereotipadas, do cotidiano das mulheres.

Em termos bem gerais, as situações cotidianas apresentadas por Maitena dizem respeito a dois grandes temas. O primeiro é a manutenção de tarefas consideradas típicas “de mulher” ou a permanência de situações em relação às quais o comportamento da mulher (e do homem) seria o mesmo de antes da grande mudança. Em outras palavras, pode-se dizer que há grandes contradições entre as possibilidades de vida diferente para as mulheres, decorrentes da “revolução”, e as exigências que a sociedade (os homens) continua a fazer-lhes, como se nada houvesse mudado. É um tema do qual se pode dizer que é mais da esfera pública. O segundo grande tema é a questão da beleza, que, como demonstrou Silva (2003), não pode, atualmente, ser separada das questões da saúde e da sexualidade. Ou seja, é um tema quase privado, embora claramente relacionado a casamento, a divórcio, a filhos etc.

Pode-se ter uma idéia mínima a respeito da obra com as seguintes informações: o primeiro volume (os outros têm características semelhantes) divide-se em quatro grandes temas: a) alterações próprias de seu sexo; b) alterações físicas e outros derivados da moda; c) um costume inalterável, o casamento; d) um motivo para se alterar sempre, a família. A última seção, intitulada “e alguns outros motivos para ficar meio alterada”, inclui um conjunto variado de situações bem cotidianas, banais, como “um mosquito no quarto”, “festa de aniversário”, “coisas da casa que quebram ao mesmo tempo” etc.

Os diversos desenhos expõem diferentes facetas de cada tema. Em geral, o último desenho, bem como sua legenda, é um pouco surpreendente, sendo, assim, responsável pelo mais claro efeito de humor – o que as teorias mais comuns e correntes explicam: é que o humor derivaria, em boa medida, da surpresa, que em geral caracteriza o desfecho de uma “narrativa” (ver Skinner 2002, entre outros). Por exemplo, em “Da vida e uma de suas injustiças mais freqüentes” (p. 29), as legendas e os desenhos são, respectivamente: a) “sou uma boa esposa...” (a mulher afaga o marido, que lê o jornal); b) “Uma mãe perfeita...” (a mulher penteia sua filha pequena e tem um bebê no colo); c) “uma dona de casa inata...” (a mulher passa o aspirador na sala - a empregada apenas segura o fio do aspirador); d) “uma profissional respeitada e bem paga...” (a mulher está de pé em um ônibus, apertada entre os muitos passageiros); e) “... sou dona de minha vida...” (a mulher está diante do espelho do banheiro, em roupas íntimas, antes de

dormir ou ao levantar); f) “... por que tenho que ter celulite?” (a mulher aperta seu rosto, em gesto de desespero). Retomando e resumindo, pode-se dizer que a página divide-se claramente em duas partes: na primeira, cinco desenhos e legendas apresentam cinco situações do cotidiano de uma mulher “moderna” (o que é indicado principalmente pelo fato de que trabalha fora de casa e é bem paga), que nem por isso deixa de ser mãe e de fazer trabalhos domésticos; na segunda, brevíssima, desenho e legenda apresentam uma questão “privada” (ter celulite) e uma reação bastante desesperada.

Provavelmente, uma leitura mais adequada desta página seguiria outra “ordem” (consideraria outra cenografia, nos termos de Maingueneau 1998): nos últimos dois quadros, a mulher está no banheiro, vestida com roupas íntimas. A situação é uma daquelas em que alguém se defronta com sua verdade, ou com uma de suas verdades, no caso, defeitos de seu corpo. Então, recorda suas virtudes, apresentadas ao leitor em *flash back* nos quadros anteriores, que fazem dela uma mulher cujo desempenho é positivo em diversos domínios, sejam públicos, sejam privados. Ao final, diante de uma característica física negativa (basta uma...), a queixa, o desespero. Uma hipótese de leitura: talvez a mulher trocasse todas as virtudes por um corpo jovem, ou por um corpo sem celulite, “defeito” imperdoável, que as revistas femininas destacam, mesmo em modelos jovens e em outras personalidades do mundo do *glamour*.

## 2. Exemplos de temas e técnicas

Alguns exemplos podem mostrar um pouco melhor que, pelo menos aparentemente, e segundo o modo de funcionamento do discurso humorístico, a “situação” geral de que os livros de Maitena tratam pode ser assim resumida: ou muitas coisas ainda não mudaram na vida das mulheres ou, no mínimo, persistem muitas contradições.

Considerem-se, como exemplo ilustrativo, as “Seis coisas que fazem uma mulher se sentir mal” (p. 8). A primeira (primeiro quadro, e assim sucessivamente) é estar gorda; a segunda, estar mal-vestida; a terceira, não ter um centavo; a quarta, estar sem telefone; a quinta, cheirar a água sanitária; a sexta, finalmente, “que o ex se envolva com um mulherão”. Como acima foi dito, em geral, o último quadro e sua legenda apresentam uma cena ou situação diferenciada, de forma a criar um efeito surpresa, característico dos textos humorísticos. Cada um dos quadros produz algum efeito de humor porque funciona como retrato de uma situação, representada de forma um tanto caricatural. O desenho, obviamente, colabora para este efeito. Por exemplo, o terceiro quadro, cuja legenda é “não ter um centavo”, expõe objetos de consumo considerados irresistíveis para as mulheres: roupas, sapatos (a mulher está em uma loja ou *shopping*, aludindo, de alguma maneira, a um chavão corrente: que as mulheres são gastadeiras e compram produtos supérfluos). Diante de cada mercadoria, a mulher diz, sucessivamente, e para si mesma, “não posso”, “não posso”, “muito menos”, “nem isso”. E, traço importante, é apresentada com expressão infeliz. Análises similares podem ser feitas de cada quadro. No entanto, interessa principalmente destacar a diferença entre o último e os anteriores. Nessa página, no sexto quadro, cuja legenda, como ficou dito, é “que o ex se envolva com um mulherão”, a mulher está ao telefone, ouvindo uma “fofoca” (do outro lado da linha deve estar uma “amiga solidária”): “seu ex está com outra”, diz sua interlocutora. “...é, já me contaram ... dá para imaginar como estou me lixando, não é?”, ela responde<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Uma observação curiosa: no dia 24/07/2005, Maitena publicou na *Folha de S. Paulo* um trabalho quase idêntico ao quadro final que acaba de ser comentado, em sua série “Superadas”. O desenho é exatamente o mesmo, mas a fala é “Lógico que estou sabendo que você está saindo com outra... Mas faz vários meses que nós terminamos... Você pode imaginar que não estou dando a mínima!”. Quem lhe telefona aqui é seu

Sua expressão é de irritação, ela range os dentes, e está com uma corda no pescoço, como quem vai enforçar-se por desespero ou raiva. Sua fala deve ser lida como irônica ou como significando que não dá o braço a torcer, diante da fofoca maldosa.

Esta página é um bom exemplo da alternativa brevemente exposta acima: se muitas coisas mudaram na vida das mulheres, então por que elas continuam preocupadas com roupa, com compras, com beleza? Por que continuam fazendo sozinhas o serviço da casa (no quinto quadro, a mulher cheira a água sanitária e por isso afasta seu marido, gritando “não chegue perto de mim!”)? E, principalmente, por que uma mulher se desesperaria porque seu ex-marido está com outra?

Veja-se agora “As seis dores que costumam afligir a mulher” (p. 14): a primeira, nos ovários; a segunda, nas costas; a terceira, nos pés; a quarta, de garganta; a quinta, de amor-próprio; a sexta, de cabeça. Em relação a esta página, apresentar mais detalhadamente as cenas é mais relevante do que no exemplo acima, porque elas caracterizam mais claramente questões femininas. Em “nos ovários”, estão frente a frente um rapaz e uma moça. Ela está dobrada de dor, apertando a barriga com ambas as mãos. O rapaz pergunta se está tudo bem (!), e a moça responde “N-ão é nada! Por...”. Esta grafia de “N-ão” expressa sofrimento, e a fala suspensa indica talvez impaciência diante da pergunta idiota do rapaz. No segundo quadro, a mulher aproveita a presença do marido para pedir que lhe faça uma massagem (ao fundo, está um berço, a cabeça do neném - causa provável das dores nas costas - aparecendo; o homem, obviamente, não ajudou em nada...). No terceiro quadro (dor nos pés), a mulher está deitada em uma banheira, falando ao telefone com uma amiga (pode-se apostar) e se lamenta: “É, acabei encontrando um vestido lindo e barato, mas... não sei se vou poder ir”. Provavelmente, explora-se aqui o fato de que a mulher lamenta estar com dores nos pés não tanto pela dor, mas porque assim perderá uma dessas compras que estigmatizam as mulheres como consumidores de produtos supérfluos. No quarto (dor de garganta), a mulher está em uma consulta médica, acompanhada dos três filhos (um pré-adolescente, uma menina de uns sete anos e um bebê de colo), e ouve do médico a seguinte recomendação: “...para começar, senhora, tem de passar a falar pouco, e, principalmente ... não levantar a voz...”. Ao fundo, o filho pré-adolescente ri, abobalhado; a seu lado, a irmã põe a língua para fora, e, no colo, o bebê chora desesperadamente. A expressão da mulher é a de quem não entende nada, ou, alternativamente, de desespero ou espanto, como quem pensa “e o que vou fazer com esses três?”. No quinto, a mulher pergunta ao namorado ou marido se ela não é nada. Várias situações podem ser a “causa” da pergunta: ou o homem lhe comunica que fará um programa só com amigos, ou que decidiu aceitar um emprego novo sem consultá-la, ou que está gostando de outra mulher etc. O que importa é que ela se sente desprestigiada, não valorizada – uma situação bastante comum. Mas é o sexto quadro que caracteriza mais claramente um estereótipo: o casal está na cama, o marido está fumando, a mulher aperta a cabeça e se queixa de dor de cabeça (pela expressão, estará dizendo algo como “Meu Deus, que dor de cabeça horrível”). O homem é absolutamente insensível, está de braços cruzados e fumando, provavelmente chateado porque não vai fazer sexo (os homens só pensariam nisso). Quanto à mulher, ou está com muita dor de cabeça (o que seria uma característica bem feminina) ou está inventando uma desculpa – a mais clássica de todas – para não fazer sexo.

---

“ex”, evidentemente. Quanto ao mais, valem as mesmas afirmações, exceto sobre o telefonema ser uma fofoca amiga...

A página é um retrato de um dia possível da vida de uma mulher, ou, se se preferir outra interpretação, cada uma das cenas pode representar caracteristicamente um dia de mulheres diferentes. Pouco importa a leitura escolhida, porque não se trata de notícias. De qualquer forma, as perguntas básicas permanecem: por que tudo continua aparentemente igual na vida das mulheres? Ou, alternativamente, por que esses fatos “antigos” continuam ocorrendo na vida de mulheres modernas?

### **3. Um pano de fundo**

Uma das afirmações menos contestáveis dos “nossos tempos” é certamente que “a mulher mudou” ou que “a vida da mulher mudou”. Todos os dados relativos ao trabalho “fora de casa”, à frequência às escolas e universidades, à ocupação de espaços – profissionais, e também jurídicos, como ser “cabeça do lar” - até há pouco tempo quase privativos dos homens, e também muitos espaços relativos a aspectos privados ou quase privados (vida sexual mais livre de tabus, casamento tardio, menor número de filhos) o confirmam.

As principais mudanças ocorreram, pois, nos espaços profissionais e no campo da sexualidade (seja pela descoberta dos contraceptivos, seja pela mudança de valores). Assim, supostamente, alguns valores, como o casamento, passaram a ser considerados segundo critérios novos: ocorrem mais tarde, os filhos são menos numerosos, multiplicam-se as creches, o sistema de educação infantil recebe crianças cada vez mais jovens, os divórcios e as separações aumentam – e, em consequência, diminuem certos dramas familiares e algumas avaliações negativas sobre a vida pessoal. Se é assim, textos humorísticos que evocam ou repisam uma certa “fissura” pelo casamento, para dar um exemplo, significam o quê? Como se explica que ainda surjam e que seus efeitos de sentido sejam os que são?

Resumindo, aparentemente, quase tudo mudou. No entanto, discursos antigos permanecem. Os “campos” publicitário e humorístico talvez sejam os que mais claramente funcionam mantendo ou retomando posições antigas. O que isso significa? Que a antiga realidade ainda não desapareceu totalmente? Que se apela a uma certa memória, embora a realidade tenha mudado? Que sejam exatamente esses os discursos que assim funcionam pode significar que eles têm pouco, ou menos que outros, que ver com a realidade? Talvez esses sejam discursos que, mais que muitos outros, se afastem da realidade: a publicidade promete o impossível, o humor se alimenta de estereótipos (Pilatos perguntaria o que é mesmo a realidade).

Blustain (2005) resenha três livros recentemente publicados nos EUA que, em resumo, mostram que a jornada de trabalho das mulheres continua diferente da dos homens, que seus salários continuam mais baixos, que suas carreiras progridem mais lentamente, que certas responsabilidades ainda não foram divididas, nem mesmo no lar, especialmente se as mulheres decidem ter filhos. Provavelmente, não se pode desconhecer essa contradição na análise da obra de Maitena, cujos temas são tirados essencialmente do cotidiano – ou do suposto cotidiano – das mulheres.

Não me proponho, no entanto, a fazer sociologia ou história. Proponho-me a analisar textos humorísticos, com o objetivo de formular, e, com o tempo, tentar responder, duas questões: a) em que medida os discursos, e, em especial, discursos como o humorístico e, de certa maneira, também o literário, se caracterizam por sua “referência”, ou seja, por reproduzirem de alguma forma a situação real – no caso, de mulheres; b) em que medida o discurso humorístico é um espaço de expressão de fatos ou, apenas, de

exploração de estereótipos que se rememoram, quem sabe exatamente porque a realidade mudou. Mas, mesmo não querendo fazer sociologia ou história, a velha questão das condições de produção precisa ser retomada, a meu ver. Fazer isso analisando textos humorísticos pode ser muito esclarecedor, eu espero.

#### 4. O problema

Em seus tempos heróicos, a análise do discurso se distinguia da análise lingüística pela consideração das condições de produção (Guespin, 1971). Esse postulado significava que os “textos” deveriam ser considerados à luz da história. Além das formulações clássicas de analistas do discurso claramente preocupados com o lingüístico (Pêcheux, 1969, principalmente), pode-se invocar Foucault (1971), que destacava não só a relevância das condições exteriores para explicar o surgimento dos discursos (formas de controle são formas de produção), mas também para seu retorno na forma de comentário.

Com o tempo, a AD deixou em segundo plano a consideração dos fatores históricos, da conjuntura “externa” (apesar de análises como a do “grito” de guerra *On a gagné*, de Pêcheux (1982)) para a explicação do surgimento dos discursos, e também para seu sentido, em favor do interdiscurso, da memória. A mais clara formulação dessa versão, embora não totalmente óbvia, talvez seja a de Maingueneau (1987:120), segundo quem

dizer que a interdiscursividade é constitutiva é também dizer que um discurso não nasce, como geralmente é pretendido, de algum retorno às próprias coisas, ao bom senso, etc., *mas de um trabalho sobre outros discursos*.

Esta formulação se opõe mais claramente às alternativas mencionadas, o que não vem ao caso detalhar, do que à consideração dos fatores externos; mas o que importa aqui é o final destacado pelo autor.

Provavelmente, não se pode tratar de todos os discursos ou de todas as manifestações discursivas da mesma maneira (ter um martelo e tratar tudo como prego). Diria que há certos acontecimentos discursivos em relação aos quais é quase impossível não considerar as condições históricas de produção, embora, evidentemente, elas não possam, em geral, ser reduzidas a um “contexto”. São bons exemplos, para ficar nos recentes e universais, tanto a derrubada das torres de Nova York, em 2001, quanto a passagem do *tsunami* pela Indonésia, no ano novo de 2005. As análises, tanto em um como em outro caso, deverão mostrar que, apesar de a memória discursiva ser obviamente acionada pela pleora de discursos que se seguiram a esses acontecimentos, não se pode deixar de considerar que esses próprios *atos* exerceram papel discursivo fundamental. Ou seja, em certos casos, a relação entre o discursivo e o factual é tão direta que não há como apelar apenas para o interdiscurso.

Mas, em outros casos, a relação entre discurso e história fica menos nítida. Provavelmente, esse é o caso de muitos textos que pertencem ao discurso humorístico (ocorreria o mesmo com a literatura), por oposição ao jornalístico, pelo menos em muitas de suas manifestações características – o noticiário quente e os comentários sobre ele. Se considerar simultaneamente o jornalismo e o humor, isto é, o humor publicado nos jornais, o analista terá muita dificuldade em explicar certos textos humorísticos sem considerar um fundo histórico – o que é bem nítido nas charges e piadas ligadas ao noticiário quotidiano.

No entanto, nem sempre é claro qual é o fundo histórico de certos textos – como, por exemplo, os de Maitena, dos quais esboçamos aqui uma primeira análise. Será fato

que o cotidiano das mulheres continua o mesmo de há algumas décadas, como as páginas humorísticas parecem indicar, se lidas como factuais? Ou será que certos textos humorísticos que tocam nesse terreno só são possíveis exatamente porque as coisas mudaram, e eles rememoram uma história que já passou? Os desenhos e textos de Maitena que nos fazem rir representam fatos que apenas fazem parte da memória? Ou seriam caricaturas, formas de dizer que ainda resta alguma coisa das formas antigas de vida, embora não integralmente? Ou são formas de nos dizer que pensamos que as coisas mudaram mais do que de fato mudaram? Ou se trata de todas essas possibilidades ao mesmo tempo, desigualmente distribuídas na sociedade, seja segundo as classes sociais, seja segundo os diversos espaços (por exemplo, há talvez mais liberdade para as mulheres, um pouco menos de machismo, mas elas continuam com as mesmas preocupações e teses em relação à beleza e à velhice)?

### **5. Conclusões provisórias, ou tarefas**

A amostra sugere pelo menos os seguintes pontos de trabalho: a) verificar em que medida “textos” publicados na mídia necessitam manter uma relação mais estreita com os fatos em destaque (muitos dos trabalhos de Maitena sugerem que não; que sua atualidade, se houver, é de outra ordem; no entanto, as charges sugerem que sim); b) verificar em que medida o campo, ou o tipo de discurso, é um fator relevante para a caracterização dos “textos” – por exemplo, até que ponto o discurso humorístico pode seguir regras próprias, não precisando, talvez, manter relações estreitas com os eventos reais?; c) verificar em que medida a diversidade de relações com a realidade é uma forma de dar conta dos diversos tipos de acontecimentos (ver Foucault, 1972), fazendo funcionar, portanto, diversos tipos de memória – o que permitiria caracterizar o discurso humorístico, mesmo o que circula na mídia, de forma mais sofisticada e detalhada; por exemplo, distinguir a charge política dos desenhos de humor que são publicados nos cadernos de cultura; d) finalmente, verificar até que ponto vale a pena reivindicar a categoria “discurso humorístico”, consideradas, por exemplo, as diversas formas de relação com a realidade, os diversos espaços de circulação, os diversos suportes de que ele se vale, a diversidade de temas que explora etc.

### **Referências bibliográficas**

- BLUSTAN, S. A paranóia do segundo sexo. In: *Mais!* S. Paulo: Folha de S. Paulo, 08.05.2005. p. 10.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. S. Paulo: Edições Loyola, 1971.
- FOUCAULT, M. Retornar à história. In: *Ditos e escritos II*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p.282-295
- GUESPIN, L. Problematique des travaux sur le discours politique. In: *Langages*, 23. p. 3-4. 1971.
- MAINGUENEAU, D. *Análise do discurso: novas tendências*. Campinas: Editora Pontes-Editora da Unicamp, 1987.
- MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. S. Paulo: Cortez Editora. 1998.
- PÊCHEUX, M. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Editora Pontes, 1970.

SILVA, M. DA C. F. *Os discursos do cuidado de si e da sexualidade em Claudia, Nova e Playboy*. Campinas: IEL/Unicamp. Tese de Doutorado, inédita. 2003.

SKINNER, Quentin. *Hobbes e a teoria clássica do riso*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.